

CENOPOESIA: CARTOGRAFANDO CONCEPÇÕES, PRINCÍPIOS E PRÁTICAS PARA UMA PESQUISA EMANCIPATÓRIA

Maria Josevânia Dantas ¹
Claudiana Nogueira de Alencar ²

RESUMO

A Cenopoesia se expressa na articulação dialógica entre várias linguagens artísticas, saberes e experiências. Surgida nos anos 80, vem se expandindo em diferentes áreas do conhecimento como uma ferramenta pedagógica emancipatória e sendo protagonizada por pessoas, coletivos, movimentos populares e instituições com distintos enfoques cenopoéticos. Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa é cartografar performances e jogos de linguagem vivenciados por cenopoetas, levantando concepções, princípios e práticas educativas da cenopoesia. A proposta apresenta um recorte que pretende analisar elementos constitutivos da cenopoesia que contribuam para a efetivação de uma abordagem metodológica de pesquisa-intervenção. O estudo elucida a pesquisa como práxis dialógica partindo de concepção decolonial articulada à pragmática cultural, recorrendo aos estudos críticos da linguagem e aos construtos conceituais da cenopoesia. A metodologia tem enfoque qualitativo de abordagem interventiva e colaborativa valendo-se do método cartográfico e da educação popular. A pesquisa revela que a cenopoesia constitui-se artisticamente de forma híbrida, em práticas educativas que estabelecem processos de criação democrático e aberto, acolhendo diferentes formas de expressão, saberes, experiências e linguagens por meio de diálogo autônomo e amoroso. Entre seus princípios está a luta pela superação da excepcionalidade artística, de modo a restaurar a condição ontocriativa das pessoas, defendendo que a arte está em nós. Sua prática é caracterizada pela articulação de repertórios humanos e suas composições se efetivam por meio de diversos jogos de linguagem: poemas, canções, intervenções, práticas de cuidados, rituais, mapeadas como desafio de repente; roteiro cenopoético; intervenção cenopoética; vivência cenopoética; corredor cenopoético de cuidados; e cortejos cenopoéticos. Neste recorte, percebe-se o potencial da cenopoesia como facilitadora na produção de conhecimento dialógico, apontando para o desenvolvimento de pesquisas engajadas com a transformação social e com a horizontalidade entre as pessoas envolvidas no pesquisar.

Palavras-chave: Cenopoesia, Linguagens artísticas, Ferramenta pedagógica, Educação emancipatória, Pesquisa-intervenção.

INTRODUÇÃO

*Quero dizer poesia
A céu aberto
Sem me preocupar
Se é errado ou certo
Poematizar e não só
Problematizar o universo.
(Júnio Santos, Cenopoeta)*

¹ Pedagoga, docente do IFRN, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará – POSLA/UECE -, josevania.dantas@ifrn.com.br.

² Linguísta, pós-doutora em semântica/pragmática, docente do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará– POSLA/UEC. claudiana.alencar@uece.br.

As críticas aos modelos metodológicos de produção da pesquisa científica embasados numa racionalidade positivista, cartesiana e enfatizada por uma concepção de conhecimento neutro, objetivo, livre de juízos de valores e de implicações sociopolíticas, pautado no distanciamento entre sujeito-objeto, têm disputado cada vez mais espaço no âmbito acadêmico das ciências humanas e sociais.

O rompimento com esses padrões de produção de conhecimento tem feito emergir possibilidades de construção de novos itinerários investigativos. Muitos destes têm como ponto de partida a participação dos sujeitos pesquisados nos processos de investigação e de produção de conhecimento. Nessa vertente, pode-se citar experiências como a pesquisa participante (BRANDÃO; STRECK, 2006), a pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011), a sociopoética (GAUTHIER, 1996), a sociobiografia (FERREIRA, 2006), os núcleos de significação (AGUIAR; OZELLA, 2013), a pesquisa cartográfica (PASSOS, 2009) a *pesquisa-intervenção* (ALENCAR, 2015), entre outras. Cada uma possibilitando contribuições distintas em uma realidade onde se percebe o embate no emergir de novas ideias e ânsia por mais participação democrática no fazer de uma ciência também em mudança.

Notadamente, para além do delineamento específico desses tipos de investigação, percebe-se um fio condutor que as une: direcionamento social contra hegemônico, implicado no compromisso histórico, cultural, político e social para com as demandas de grupos, comunidades e movimentos populares; muitos dos quais marginalizados em disputas de poder, que por tempos perpetuaram a invisibilização de seus saberes e perspectivas únicas na construção de ideias-mundo.

Na atualidade, o desafio se coloca na perspectiva de construção de desenhos metodológicos mais inclusivos, baseados na interconexão de práxis investigativas dialógicas, polissêmicas, que reconheçam as diferentes práticas, saberes e linguagens em que se produz e se expressa o conhecimento na interseção dos espaços acadêmicos e populares. Mais ainda, que sejam capazes de abraçar esses conhecimentos sem os alienar, transformando-os em um simulacro arrojado, mas carente de sabor, forma, energia e cor – sem que os transforme em peças de museu quando são vivos e latentes na força de onde abrolham.

Reconhecer, no entanto, a existência de um certo fosso na autenticidade e protagonismo da participação dos sujeitos das classes populares nos processos de pesquisas, com suas singularidades presentes na fecundidade das suas expressões artísticas, suas práticas

de cuidados, suas crenças, seus vocabulários e dialetos próprios, suas formas de organização, de luta e de resistência, deve partir de uma contra observação crítica ao que está posto. Incluindo, decerto, a perigosa dinâmica de se relegar estes conhecimentos a uma subordinação e/ou supremacia dos formatos acadêmicos instituídos.

Nesse sentido, esse estudo apresenta um recorte introdutório de uma pesquisa mais ampla que está sendo realizada no Curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada – POSLA/UECE que pretende analisar elementos constitutivos da cenopoesia que contribuam para a efetivação de uma abordagem metodológica de pesquisa-intervenção cenopoética. Nesse recorte, em específico, objetivamos pesquisar performances e jogos de linguagens que contribuam para delinear concepções, princípios e práticas da cenopoesia.

METODOLOGIA

Neste estudo, elucida-se a pesquisa como práxis dialógica partindo de concepção decolonial articulada à pragmática cultural, recorrendo aos estudos críticos da linguagem e aos construtos conceituais da cenopoesia. Nessa perspectiva, a metodologia tem enfoque qualitativo, de abordagem interventiva e colaborativa valendo-se do método cartográfico e da educação popular.

O caminho percorrido por este estudo reconhece que a natureza de um fenômeno social requer um enfoque qualitativo por meio do qual se evidenciam análises e reflexões detalhadas e qualificadas diante da complexidade dos problemas investigados (RICHARDSON, 2014).

Do ponto de vista da abordagem, leva em consideração a proposta de pesquisa interventiva e colaborativa estruturada nas bases da Pragmática Cultural (cartografia, ressignificação e intervenção), que propõe uma perspectiva integracionista; em que não separa linguagem e vida, defendendo uma pesquisa engajada com a transformação social e com a horizontalidade entre as pessoas envolvidas na ação do pesquisar (ALENCAR, SOUZA, BRITO, 2020).

Consoante com a Pragmática Cultural, lança mão do método cartográfico, da pesquisa que se faz no caminho; no trilhar da experiência. Neste método, pesquisadores e pesquisados, bem como o problema da pesquisa, acham-se mergulhados na experiência e reafirmam uma diretriz ético-estético-política, encontrando estratégias inventivas e singulares na produção e



transformação da própria experiência. O método se coloca sensível e aberto ao imprevisto, dando voz às subjetividades coletivas (PASSOS, KASTRUP, TEDESCO, 2015).

De modo prático, o método cartográfico nos auxilia, nesse estudo, a mapear as concepções, princípios e práticas da cenopoesia a partir de pesquisas acadêmicas e bibliográficas anteriormente publicadas, tendo por base as percepções dos protagonistas da cenopoesia, denominados cenopoetas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa social, para além da atualização constante dos conhecimentos em relação aos fenômenos, também necessita revisitar suas formas de pesquisar tais fenômenos, o que requer a reflexão crítica sobre a própria prática do pesquisar.

É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento epistemológico” da prática enquanto objeto de sua análise deve dela “aproximá-lo” ao máximo. Quanto melhor se faça esta operação, tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade (FREIRE, 2014, p 40).

Assumir as dimensões da ação e da reflexão nos processos investigativos implica, de acordo com Freire (2014), reconhecer o ato de pesquisar como *práxis* dialógica. Interpretar os fenômenos isoladamente, sem que os que estão imersos na condição de oprimidos possam proferir também sua palavra, não basta. Dizer sua palavra sobre o mundo é demarcar seu lugar na história. Porém, mais que isso, é preciso enunciar a palavra refletida para um agir que transforme a realidade, que cria, constrói e faz o mundo. Deste modo, o vínculo, teoria-palavra-ação constitui-se no pensamento freireano como a unidade do pensar e do ser, *práxis*.

Compreendemos, a partir dessas premissas, que a efetivação da pesquisa social contra hegemônica, deve tomar como ponto de partida a dinâmica em que as classes oprimidas constroem seus atos de resistência e suas tecnologias sociais de enfrentamento aos problemas vivenciados. Assim, consideramos que é na invenção criativa das suas formas de luta que a pesquisa social deve se inspirar para construir novas metodologias de pesquisa.

Nesse raciocínio, os estudos em torno da cenopoesia, e na análise das experiências em que essa prática tem se manifestado, ao curso de quase quarenta anos, nos leva a desenvolver a hipótese de que seus contributos podem favorecer a construção de uma abordagem de

pesquisa social em que não se separe pensamento-linguagem da realidade objetiva, e que seu desenvolvimento prático e reflexivo “seja algo que se vive enquanto dele se fala com a força do testemunho” (FREIRE, 2014, p 41).

Embora em desenvolvimento há praticamente quatro décadas, com significativas experiências e composições literárias alternativas, os estudos no âmbito acadêmico sobre a cenopoesia são recentes. Estreia com a tese doutoral de Vera Lúcia de Azevedo Dantas, em 2009, no Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira – UFC, sob o tema “Dialogismo e arte na gestão em saúde: a perspectiva popular nas cirandas da vida em Fortaleza-CE”. A tese propõe-se a apreender como se expressam o dialogismo e a arte na gestão em saúde, buscando, ainda, a perspectiva popular para capturar o modo como a população comunica sua história de luta, mediante as linguagens da arte, na qual se insere o ideário e a prática da cenopoesia (DANTAS, 2009).

No ano de 2013, também na UFC, o estudo dissertativo de Cleilton Paz Bezerra no Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva – PPGSC da Faculdade de Medicina apresenta o “Memorial de Redonda: a reinvenção e luta na produção da saúde dos povos do mar. Neste memorial, Bezerra (2013) narra que os movimentos populares da comunidade pesqueira de Redonda em Icapuí/CE produzem um saber sobre saúde e ensaiam a reinvenção da resistência mediante a arte descobre na cenopoesia o empoderamento de sujeitos e a reafirmação da diferença étnica e cultural de Redonda. Nas rodas à beira-mar, a educação popular, como produção de saber advindo da arte, pela linguagem cenopoética, desconstrói visões acabadas de mundo, dentre elas, as que reproduzem as desigualdades nas relações de gênero e as injustiças ambientais.

Em 2015, registra-se a dissertação de mestrado de Maria Josevânia Dantas (2015), intitulada “Cenopoesia, a arte em todo ser: das especificidades artísticas às interseções com a educação popular” (PPGE/UFPB), em que a cenopoesia é a categoria central de análise e na qual se busca delinear concepções, características, princípios, modos de ser, trajetória histórica e aproximações com a educação popular. O estudo denota que a cenopoesia emerge em solo popular, sendo praticada por pessoas que estão envolvidas na transformação do meio onde vivem. Configura-se como uma manifestação em prol da liberdade criativa, da democratização comunicativa e da emancipação humana, fortalecendo-se como uma forma inventiva de resistência criada pelo povo para se fazer presença na história (DANTAS, 2015).

Outra produção importante é a dissertação de mestrado de Nicole Nunes da Cruz concluída em 2018 com o título, “Cartas para desver o conceito de resto: a cenopoesia no

Hotel da Loucura”, realizada no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas – PPGAC/UFRGS. A autora discute sobre a cenopoesia, suas ressonâncias e implicações ao tecer um diálogo entre as artes cênicas, a poesia, a música, as cantigas populares, as práticas populares de cuidado e as pessoas, de forma a reverberar a vida em ato. No estudo, Cruz (2018) considera a cenopoesia enquanto arte do encontro. Diz que seu exercício se revela ao mesmo tempo como uma forma singular de produção artística - onde diversas linguagens dialogam - e como estratégia educativa a partir da qual é possível refletir e problematizar a realidade, lançando mão de inúmeras possibilidades de criação e expressão. A autora situa sua pesquisa como cenopoética por estruturar-se em seus princípios, favorecendo a articulação de saberes populares e científicos.

Dentre outras produções acadêmicas mais recentes, verifica-se em 2022 a publicação da coletânea: A produção de saberes emergentes na interface entre educação popular em saúde e a convivência com o semiárido, organizada por Vera Lúcia de Azevedo Dantas e Vanderléia Laodete Pulga. A obra destaca em um dos seus capítulos a cenopoesia como potencializadora da cultura e das artes na produção do conhecimento em que os arranjos cenopoéticos e seus diversos modos de ser contribuem para uma revisitação crítica e amorosa ao vivido. A obra evidencia a cenopoesia como linguagem e ferramenta pedagógica que transversaliza a condução do Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido realizado pelo Ministério da Saúde.

Deste modo, o que esses e outros estudos apontam é que a Cenopoesia vem se constituindo como um fenômeno sociocultural interlocutor da criatividade individual e coletiva proporcionando um caminho de construção de conhecimento engajado com a articulação entre vivência e reflexão, arte e ciência. Ao se manifestar na articulação dialógica, autônoma, amorosa e interdependente entre várias linguagens artísticas, saberes e experiências, a cenopoesia conforme Dantas (2015), se revela como modo de poeticamente sintetizar as contradições sociais e de possibilitar leitura crítica do mundo, na perspectiva de conhecer, de refletir e de intervir sobre a realidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em pesquisa sobre a origem da cenopoesia, verifica-se que seu surgimento ocorreu no início dos anos oitenta do século XX. À época, a poesia que ocupava ruas e espaços públicos no município do Rio de Janeiro, com o intuito de fortalecer o movimento pela liberdade e pela

democracia, passou a experimentar uma poética que se expandia da escrita e da oralidade para um movimento corporal, cênico e dramático como forma de participação sociopolítica. Essa nova identidade poética compôs o que o poeta Ray Lima nomeou de cenopoesia, “a poesia encenada sob o signo da hibridez de linguagens, cultura dramática e sentimento do mundo” (CORDEIRO; LIMA, 1990).

Sua expansão entre artistas, educadores, grupos, coletivos e movimentos populares se propaga na década de 1990, na região Nordeste do Brasil, dada sua inserção na criação do Movimento Popular Escambo Livre de Rua; um movimento independente, voluntário e itinerante de cultura e arte popular que se fortalece como uma maneira de resistência dos sujeitos que o compõe. “Seus atores, vindos a maior parte da periferia urbana e da zona rural, estão engajados de alguma forma nas lutas sociais de suas comunidades” (DANTAS, 2004).

Nos últimos 25 anos, a cenopoesia tem aportado, enfaticamente, no campo da educação popular em ações realizadas em diversos estados do Brasil. No Ceará, em específico, observa-se uma forte presença de suas práticas no interior e na capital do Estado. Parte destas atuações estão representadas em bairros periféricos de Fortaleza e região metropolitana. A exemplo do Projeto Cirandas da Vida, nas atividades desenvolvidas no Espaço Ekobé, na UECE, em ações do Programa de Extensão Viva a Palavra (UECE), na oferta de cursos de formação de educadores populares, no espaço comunitário Templo da Poesia, entre outros. No interior do estado, muitas são as ações em diversas cidades, com destaque para o município de Icapuí onde a cenopoesia é a linguagem que tece a memória dos espetáculos de sua emancipação política. É também o lugar onde residem alguns de seus precursores e praticantes como Ray Lima e Júnio Santos, bem como o grupo Flor do Sol, um dos pioneiros da cenopoesia encenando roteiros cenopoéticos que emanam do cotidiano e problematizam as lutas vividas no seio da comunidade pesqueira da Redonda. Como se observa, a atuação da cenopoesia nestes setores institucionais e populares têm se dado em coletivos que atuam na valorização das potencialidades da arte e da cultura como formas de enfrentamento aos desafios do cotidiano e aos diversos tipos de violências, empoderando o protagonismo popular.

Ao caminhar nesses diferentes territórios, a cenopoesia vem se aprofundando em termos de concepção teórica e se amplia nos formatos de suas práticas, englobando uma atuação para além do raio das atividades artísticas desenvolvidas inicialmente pelos seus precursores. Nessa direção, a cenopoesia vem se expandindo e sendo protagonizada por pessoas e coletivos populares diversos. Uma jornada que se constitui, ao mesmo tempo, como



caminho e como ferramenta pedagógica; uma forma de vida, de ser-estar no mundo (DANTAS, 2015).

No tocante aos princípios que regem a cenopoesia é possível observar na dissertação de Dantas (2015), a sistematização das categorias *diálogo*, *democratização*, *diversidade*, *inconclusão*, *criatividade*, *amorosidade* e *liberdade* como fundantes do arcabouço cenopoético.

De acordo com a autora, o *diálogo* na cenopoesia constitui um princípio matriz que está associado a intenções prática e política. Prática, no sentido da sua realização que é baseada na perspectiva da hibridização das artes, das linguagens, na dimensão da troca, da interação com o outro, com um espaço-temporal, com os contextos. No sentido político, o diálogo se aproxima do entendimento freireano (2003) de dialogicidade, ou seja, da comunicação não hierarquizada, mediatizada pela solidariedade e respeito ao saber do outro.

A categoria *democratização* compreende várias nuances, desde a democratização dos processos comunicacionais até a quebra de padrões hierarquizados das relações, perpassando pela descentralização e dominação de certos saberes e conhecimentos técnicos. Destarte, a democratização aparece como presença histórica do cidadão atuando expressivamente na problematização dos contextos reais e nas esferas relacionais destes contextos.

Já a *diversidade*, inclui o respeito aos modos de ser de cada um, com sua cultura, seus valores, sua sabedoria, suas linguagens. Isso implica a não subalternação, a não supremacia, de um saber sobre outro, mas de possibilitar que as potencialidades de cada um possam se articular e construir algo mais diversamente potente, como algo que soma e não que se relegate, se subtraia ou se exclua.

A cenopoesia como ato inconcluso remete a teoria freireana (2003) que compreende a *inconclusão* como um vir-a-ser, ou a busca permanente, não passageira, de querermos aprender e a ser sempre mais. Nesse ideário de incompletude, em que nada está pronto e acabado, a cenopoesia se coloca sempre aberta para novos acréscimos e para o inesperado. Por não se constituir como uma obra artística definitiva, presa a um formato único, leva em conta a imprevisibilidade dos atores que atuam e interagem em contextos específicos desafiando os repertórios humanos de cada um para dar sentido a um todo no momento do seu ato.

No tocante à categoria *criatividade*, esta é vista como potencial do ser humano para transformar o mundo e eleva o sentido cenopoético desmistificando o ato criativo como privilégio de alguns poucos dotados de algum tipo de dom ou de uma excepcionalidade

artística. Os cenopoetas defendem a ideia de que todo ser humano é capaz de criar, de inventar outros modos de ler, de interpretar, de ser e de intervir no mundo.

A atividade cenopoética compreende que as lutas pela transformação social podem e devem ter sua bravura, mas uma valentia que ousa ser terna, afetuosa. A cenopoesia demonstra em seus processos que a *amorosidade* também tem sua legitimidade nas lutas contra a opressão. Nesse sentido, restaurar a amorosidade significa, para os/as cenopoetas, romper com padrões racionalistas, individualistas, indiferentes, propagados pelo sistema capitalista e anuncia que o amor, enquanto aspecto sensível dos seres humanos é também ato de coragem e gerador de atos de liberdade.

Quanto a sua realização prática, a cenopoesia se traduz como uma ação que se constitui da articulação de repertórios humanos, artísticos ou não, que os sujeitos trazem de suas vivências, expressos por corpos em movimentos, sonoros, musicais e imagéticos que dialogam com contextos específicos e se fundem para expressar cenicamente os sentimentos e leituras de mundo de modo poético (DANTAS, 2015).

De acordo com Lima (2009), Landin (2010), Dantas (2015), Cruz (2018) e Dantas; Pulga (2022), as composições cenopoéticas se efetivam por meio da articulação de diversos jogos de linguagem como: poemas, canções, manifestações cênicas, práticas de cuidados, rituais, entre outros. Segundo estes autores, ao passo que a cenopoesia foi se desenvolvendo de forma diversificada, alguns modos de ser ou de acontecer foram se configurando por lançarem mão de algumas características específicas e deram origem a algumas modalidades.

Estas modalidades vêm sendo nomeadas como: *roteiro cenopoético* (elaboração prévia de uma sequência de poemas, músicas e falas que problematizam temática específica); *intervenção cenopoética* (interferência artística que surge de forma espontânea para dialogar com um contexto particular); *desafio de repente* (improviso cênico provocado por um mote e desenvolvido por performances que já constam nos repertórios dos participantes); *vivência cenopoética* (experienciar da prática cenopoética por um percurso pedagógico vivencial de descoberta de repertórios); *corredor cenopoético de cuidados* (ritual de cuidados coletivos mediado por práticas terapêuticas e expressões artísticas); *cortejos cenopoéticos* (atos artísticos itinerantes como uma ação fim ou anúncio mobilizador para outro ato); e, mais recentemente, Ray Lima inclui um formato que vem sendo denominado por *feira do soma sempre* (momentos de compartilhamento de saberes e experiências, produzindo reflexões mediadas pela arte sobre o saber-fazer de cada um).

Diante do exposto, tem-se que a singularidade da prática cenopoética é particularmente a sua interdependência com outras linguagens, não necessariamente

artísticas, que dialogam e convergem para um exercício de leitura, reflexão, problematização e intervenção de contextos reais complexos a partir de inúmeras possibilidades de criação humana visando fortalecer a capacidade expressiva dos sujeitos. Nesse jogo, se considera a arte como ponto de conexão criativa entre o refletir e o agir com e sobre o mundo e “a cenopoesia seria esse lugar de encontro das linguagens com todas as capacidades dialógicas, transitivas e infinitamente expressivas, transformadoras e autotransformadoras: de criadores e criaturas” (LIMA, 2012, p.5).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cenopoesia, ao longo de uma história de quatro décadas, se apresenta como uma linguagem em construção, sem um conceito específico definido e sem características ou formas estanques. Artisticamente se constitui de forma híbrida, em práticas educativas que estabelecem processos de criação democrático e aberto, acolhendo diferentes formas de expressão, saberes, experiências e linguagens por meio de diálogo autônomo e amoroso.

Entre seus princípios o diálogo aparece como matriz e a amorosidade como legitimadora nas lutas contra a opressão. Entre suas bandeiras, está a democratização dos processos comunicacionais, a descentralização de saberes e conhecimentos técnicos, o respeito à diversidade e aos modos de ser de cada um e a busca pela superação da excepcionalidade artística, de modo a restaurar a condição ontocriativa das pessoas, defendendo que a arte está em nós.

No tocante à prática cenopoética, percebe-se que esta é multifacetada dependendo em muito da momentaneidade, dos sujeitos envolvidos, dos saberes que trazem em seus repertórios e do diálogo que estabelecem uns com os outros e com a conjuntura de contextos específicos de atuação.

Com isso, pode se dizer que sua prática é caracterizada pela articulação de repertórios humanos e suas composições se efetivam por meio de diversos jogos de linguagem tais como: poemas, canções, intervenções, práticas de cuidados, rituais, entre outros. Esses jogos de linguagem deram origem a algumas modalidades que foram se desenvolvendo ao longo da experiência cenopoética e até o momento foram mapeadas como: desafio de repente; roteiro cenopoético; intervenção cenopoética; vivência cenopoética; corredor cenopoético de cuidados; cortejos cenopoéticos e, mais recentemente, a feira do soma sempre.

Neste recorte, percebe-se o potencial da cenopoesia como ferramenta pedagógica criativa que articula vivência e reflexão, arte e ciência facilitando a produção de



conhecimento dialógico e compartilhado. Suas concepções, princípios e práticas são inspiradoras e podem contribuir para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas emancipatórias, engajadas com a transformação social e com a horizontalidade e respeito entre as pessoas envolvidas no pesquisar.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria J.; OZELLA, Sergio. **Apreensão dos sentidos: aprimorando os núcleos de significação.** Revista Brasileira de Estudos pedagógicos, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013.

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. Pragmática cultural: uma proposta de pesquisa-intervenção nos estudos críticos da linguagem. In: RODREIGUES, Marília Giselda et al., organizadoras. **Discurso: sentidos e ação.** Franca, SP: Universidade de Franca, 2015, 234 p. (Coleção Mestrado em Linguística, v. 10).

ALENCAR, Claudiana Nogueira de; SOUSA, Antônio Oziêlton de Brito; BRITO, Gílian, Gardia Magalhaes. Nova pragmática: uma proposta crítica e emancipatória para a linguística aplicada. In: LIMA, Álisson Hudson Veras; PITA, Julianne Rodrigues; SOARES, Maria Elias (Orgs.). **Linguística aplicada: os conceitos que todos precisam conhecer - volume 1.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. 366p.

BEZERRA, Cleilton da Paz. **Memorial de Redonda: reinvenção e luta na produção da saúde dos povos do mar.** 321 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) 2013. Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Fortaleza, 2013.

Brandão, Carlos Rodrigues; Streck, Danilo Romeu (Org). **Pesquisa participante: a partilha do saber.** Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

CRUZ, Nicole Nunes da. **Cartas para desver o conceito de resto: a cenopoesia no Hotel da Loucura.** 154 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Porto Alegre, 2018.

CORDEIRO, Z. LIMA, R. **Linhas cruzadas: um livro? Um espetáculo? Uma cenopoesia.** Rio de Janeiro: Mimeografado, 1990.

DANTAS, M. J. **Cenopoesia a arte em todo ser: das especificidades artísticas às intersecções com e educação popular.** 193f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-graduação em Educação, João Pessoa, 2015.

DANTAS, Vera Lúcia de Azevedo. **Dialogismo e arte na gestão em saúde: a perspectiva popular nas cirandas da vida em Fortaleza-CE.** 323f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2009.



DANTAS, Vera Lúcia de Azevedo; PULGA, Vanderléia Laodete (org.). **A produção de saberes emergentes na interface entre educação popular em saúde e a convivência com o semiárido**. Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2022. 160 p. (Série Educação Popular & Saúde, v. 7). E-book: 5,1MB; PDF. Disponível em: <<https://editora.redeunida.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Livro-A-Producao-de-saberes-e-mergentes-na-interface-entre-a-educacao-popular-em-saude-e-a-convivencia-com-o-semiarido.pdf>> Acesso em: 29 de nov. de 2022.

FERREIRA, A. L. **Sociobiografia e experiência escolar: uma narrativa entre imagens em conflito**. In: FERREIRA, Adir Luiz. (Org.). Entre flores e muros: narrativas e vivências escolares. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2006, v. 1, p. 19-52.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, 40ª edição.

GAUTHIER, Jacques. **Sociopoética: encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação**. Rio de Janeiro: Editora Escola Anna Nery/UFRJ, 1999.

LANDIN, D. **Poemia do mundo, poesia dos sentidos**. Rev. Arte e Resistência na Rua, São Paulo, Ano II, n. 02, jul. 2010.

LIMA, R. **Pelas Ordens do Rei que Pede Socorro: um roteiro – manifesto da Cenopoesia**, Fortaleza, Expressão Gráfica Editora, 2012.

LIMA, R. Feira do Soma Sempre e a produção do comum [Internet]. Rede **Humaniza SUS**, 2009. Disponível em: <http://redehumanizasus.net/7391-feirado-somasempre-e-a-producao-do-comum/>. Acesso em: 29 nov. 2022.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas** / Roberto Jarry Richardson, colaboradores José Augusto de Souza Peres... (et al.) – 3. Ed. – 15. reimpor. – São Paulo: Atlas, 2014.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.